

O MESTRE INESQUECÍVEL, Augusto Cury – Capítulo 5.

O Coração dos Discípulos: Os Solos da Alma Humana

Os inimigos e os amigos o desconheciam.

Envolvidos pelos sonhos de Jesus, os jovens discípulos tiveram a coragem de virar a página da sua história e segui-lo. Deixaram o futuro que haviam traçado para trás. João Batista o havia colocado nas alturas. Pensaram que seguiriam alguém capaz de arregimentar o maior de todos os exércitos, alguém que exercitasse sua força para que o mundo se dobrasse aos seus pés. Mas ficavam pasmados com suas palavras. Elas penetravam-lhes o cerne do ser. Tudo o que fazia quebrava os paradigmas e os conceitos de vida. Ele revelava um poder descomunal, mas preferia dar ênfase à sensibilidade. Ele discursava sobre a eternidade, parecia tão superior aos homens, mas tinha a coragem de se dobrar aos pés de pessoas simples. Ele preferia a inteligência à força, a sabedoria ao poder. Quem era ele?

Jesus era um homem econômico nas palavras. Nós exageramos no discurso, falamos em excesso, mas ele era ponderado. Sabia das limitações intelectuais dos discípulos em compreender seu projeto, suas ideias, seus sonhos. Por isso, nutria-lhes lentamente a alma e o espírito como uma mãe que acalenta seus filhos. Ele tinha uma grande ambição: transformar os seus incultos discípulos e torná-los tochas vivas que pudessem incendiar o mundo com seus projetos e sonhos.

Ele não falava claramente sobre sua personalidade e objetivos. Grandes debates eram feitos pelos mais próximos sobre sua identidade. Seus inimigos ficavam atordoados com seus gestos. Seus amigos ficavam fascinados com suas palavras. Inimigos e amigos tinham suas mentes embriagadas de dúvidas.

Os inimigos não sabiam a quem perseguiam e os amigos não sabiam a quem seguiam. Só sabiam que era impossível ficar indiferente a ele.

A parábola do semeador: o mais excelente educador

Ele era um brilhante contador de histórias. Suas parábolas educavam, possuíam um conteúdo espetacular. O mestre dos mestres conseguia resumir assuntos que poderiam ser discutidos em vários livros em uma simples história.

Certa vez, ele contou uma parábola belíssima que sintetizava a sua grande missão: a parábola do semeador. Ele simbolizou e classificou o coração humano em vários tipos de solos. O que impressiona é que nessa história ele não usou os parâmetros dos erros, acertos, sucessos ou fracassos para nos classificar. Ele classificou o coração emocional e intelectual do ser humano pela sua receptividade, desprendimento e disposição para aprender. Ele tinha uma visão diferente da psique comparada à da educação atual. Para ele, suas palavras não eram informações lógicas nem a memória era um depósito dessas informações. A memória era um solo que deveria receber sementes que, uma vez desenvolvidas, deveriam frutificar.

Frutificar onde? No território da emoção e no anfiteatro dos pensamentos. Frutificar o quê? Amor, paz, segurança, sensibilidade, solidariedade, perdão, mansidão, a capacidade de se

doar, habilidade de pensar antes de reagir. Ele conquistava o espírito das pessoas, o cerne do ser humano gerando inspiração, desejo ardente de mudança, criatividade e arte de pensar. Ele atingia algo que a educação clássica almeja, mas não atinge. Ele queria produzir pensadores.

Seu desejo não era corrigir comportamentos nem produzir pessoas que reagissem como robôs bem comportados. Ele plantava sementes nos solos conscientes e inconscientes da memória de seus seguidores objetivando que elas transformassem suas personalidades ao longo da vida. Sua tarefa era gigantesca, pois seus discípulos tinham uma estrutura emocional e intelectual avariada e sem alicerces profundos.

Sua visão sobre educação e transformação da personalidade foi proferida há vinte séculos, mas é atualíssima, capaz de chocar a educação moderna.

Os solos da alma humana: o coração dos discípulos

Durante trinta anos, Jesus pesquisou atenta e silenciosamente o processo de formação da personalidade. Era um especialista em detectar nossas dificuldades. Sabia que ferimos as pessoas que mais amamos, que perdemos facilmente a paciência, que somos governados por nossas preocupações. Ao invés de nos acusar, ele nos estimula a pensar.

O mestre dos mestres era um plantador de sementes. Sabia que a personalidade não muda num passe de mágica. Era um educador de princípios. Era um pensador perspicaz, arguto e detalhista. Por que ele se posicionou como um semeador e comparou o coração psicológico a um solo? Porque ele não queria dar meros ensinamentos, regras de comportamentos e normas de conduta.

No Velho Testamento, as leis tentaram corrigir o homem, discipliná-lo, fazê-lo ter uma convivência social saudável, mas falharam. Apesar das leis serem normas de conduta excelentes, a agressividade, o egoísmo e as injustiças nunca foram extirpados, ao contrário, a floraram-se.

A lei e as regras de conduta tentam mudar o ser humano de fora para dentro, as sementes que o mestre da vida queria plantar objetivava mudá-lo de dentro para fora. Não há figura mais bela para um educador do que ser um semeador. Um educador que semeia é um revolucionário. Ele nunca mais tem controle sobre o que planta. As sementes terão vida própria e poderão mudar para sempre o ecossistema emocional e social.

Era isso que Jesus almejava. Ninguém sonhou mudar tanto o mundo como ele. Mas ele não usou de qualquer tipo de violência e pressão para isso. Ele sabia que a mudança só seria real se ele mudasse a ecologia da alma e do espírito humanos.

Os quatro tipos de solos que ele descreveu em sua parábola representam quatro tipos de personalidades distintas ou quatro estágios da mesma personalidade. No caso dos jovens discípulos, eles representam principalmente quatro estágios do desenvolvimento de suas personalidades na encantadora, sinuosa e intrigante caminhada com o mestre dos mestres.

O primeiro tipo: o solo que representa um caminho

Ele descreveu o primeiro tipo de solo como uma terra à beira do caminho (25>. Esse solo estava compacto, endurecido e impermeável. As sementes que ali foram lançadas não penetraram nele e, portanto, não encontraram condições mínimas para germinar.

Que tipo de pessoa essa terra representa? Representa as que têm seu próprio caminho, as que não estão abertas para algo novo, não estão dispostas a aprender. Elas se fecham dentro do seu mundo. Foram contaminadas pelo orgulho, não conseguem abrir o leque das possibilidades dos pensamentos. Suas verdades são eternas e absolutas. O coração psicológico delas é compactado como a terra de uma estrada. São rígidas e fechadas. Quando põem uma coisa na cabeça ninguém consegue removê-la.

Quantas pessoas não conhecemos que possuem essas características? Quantas vezes não reagimos assim? Somos turrões, teimosos, não permitimos que nos questionem. O mundo tem de girar em torno do que pensamos. Os jovens discípulos possuíam uma personalidade compactada, encarcerada.

As dores, as perdas e as decepções deveriam funcionar como arados para sulcar o coração emocional, mas muitas vezes somos tão rígidos que não permitimos que elas penetrem nos compartimentos mais profundos do nosso ser. Continuamos os mesmos. As reflexões sobre as experiências difíceis que os outros passam deveriam funcionar como a chuva serôdia, mansa e suave, para irrigar o território da nossa inteligência. Entretanto, muitas vezes, ele está tão solidificado que se torna impermeável. Não aprendemos com os erros dos outros. Uma pessoa inteligente aprende com os seus erros, uma pessoa sábia aprende com os erros dos outros. As pessoas que reagem assim repetem os mesmos comportamentos, erram os mesmos erros. Nada as tira do seu caminho. Ninguém consegue levá-las a rever seus paradigmas. Ninguém consegue semear em seus corações. Ser rígido, fechado, preconceituoso não é fruto da falta de cultura acadêmica.

Há muitos intelectuais, filósofos, psicólogos, médicos que são fechados dentro de si mesmos. Eles não podem ser contrariados, têm medo de se abrir para outras possibilidades. São infelizes. E, o que é pior, deixam as pessoas que mais amam também infelizes.

A sabedoria requer que estejamos sempre abertos às novas lições. A humildade é a força dos sábios; e a arrogância, dos fracos. Nem Jesus, com suas mais belas sementes da sabedoria e do amor, conseguia fazer germinar num solo compactado à beira do caminho. Por quê? Porque ele não invadia a psique de nenhum ser humano. Ele só trabalhava na alma dos que lhe permitiam. Jesus tinha em alta conta o livre arbítrio das pessoas. Era necessário que elas se abrissem e reconhecessem seu orgulho, rigidez, arrogância, para que ele pudesse ajudá-las. Os jovens discípulos, embora inflexíveis, abriram seu ser a ele.

Ao ouvir as suas palavras e contemplar, fascinados, os seus gestos, o solo do coração deles foi sulcado e preparado para receber as suas sementes. Eles tinham enumeráveis defeitos, mas eram pessoas simples. O orgulho deles não tinha raízes tão grandes, por isso Jesus os escolheu.

Agora entendemos um pouco mais porque eles foram escolhidos. Apesar de serem tão complicados e agressivos, eles eram mais fáceis de serem trabalhados do que os fariseus. Estes, embora cultos e dosados, embora fossem aparentemente muito melhores do que os jovens galileus, estavam profundamente contaminados pelo orgulho. O orgulho é um vírus psíquico altamente destrutivo de todo e qualquer tipo de personalidade.

Os jovens discípulos começaram a sua jornada com Jesus como um solo compacto à beira do caminho. Todos passaram por esse estágio, porque eram impulsivos, ansiosos, agressivos. Do meu ponto de vista, a única exceção foi Judas. Ele era o melhor dos discípulos. O território da sua emoção e dos seus pensamentos não era tão impermeável. Judas tinha mais cultura e era mais sensato. Quando Jesus o encontrou, ele já estava no estágio seguinte. Era de se esperar que ele brilhasse mais do que os outros, mas teve um trágico fim.

Em "Mestre da Sensibilidade", comentei que o maior favor que podemos fazer a uma semente é sepultá-la. Uma vez sepultada, ela morrerá, mas se multiplicará. As sementes que não penetram na terra são comidas pelas aves do céu, perdem a sua função. Infelizmente, a maioria das sementes que recebemos não germina.

Como está o terreno da sua psique? Você consegue ser ajudado pelas pessoas que o rodeiam? Seus amigos, filhos, colegas de trabalho conseguem falar ao seu coração? Seus erros e sofrimentos conseguem sulcar a sua terra e torná-la apta para que as mais nobres sementes possam crescer?

O segundo tipo: o solo rochoso

O solo rochoso é o segundo tipo de coração que Jesus simbolizava nessa parábola. Era um solo melhor do que o que estava à beira do caminho. As sementes nele lançadas encontraram condições mínimas para germinar. Elas logo nasceram, visto que a terra era pouca. Porém, logo veio o calor do sol e elas não suportaram, já que suas raízes eram superficiais.

Quem é representado por esse tipo de solo? Como o próprio Jesus disse, ele representa todos os que receberam rápida e alegremente a sua palavra (26). Eles fizeram festas para ele. Compraram seus mais belos sonhos. O júbilo era incontido. Mas, um dia, os problemas chegaram, as perdas surgiram, as perseguições bateram à porta. Ficaram confusos. Perceberam que o mestre dos mestres não eliminava todos os obstáculos que eles encontravam pelo caminho. Ficaram assustados. Entenderam que não estavam livres de decepções. Creram que todas as suas orações seriam rapidamente atendidas. Pensaram que segui-lo era viver um céu sem tempestade, relações sem desencontros, trabalhos sem fracassos. Mas se enganaram.

Jesus nunca fez essas promessas. Prometeu, sim, força na fragilidade, refrigério nos fracassos, coragem nos momentos de desespero. Eles viram o próprio Jesus passar por tantos problemas e correr risco de morrer. Essas cenas os abalaram. Será que é ele o Messias? Será que vale a pena segui-lo? Será que seus sonhos não são delírios? Essas perguntas os atormentavam. Desanimados, muitos desistiram de segui-lo.

Creio que todos os jovens seguidores de Jesus passaram por esse estágio. Eles não eram gigantes, como nenhum ser humano o é. Todos nós temos nossos limites. Às vezes, uma pequena pedra para alguém, fácil de ser contornada, representa uma grande montanha para outrem e vice-versa. Não é tão fácil suportar o calor dos problemas, mas é necessário. O medo dos problemas intensifica a dor. Enfrentá-los é uma atitude inteligente.

Mas qual é a melhor maneira de enfrentá-los? Lançando raízes nos solos da nossa psique. As raízes de uma árvore são o segredo de seu sucesso, de sua capacidade de suportar o calor do sol, as tempestades e o frio. As raízes dão sustentabilidade às plantas, suprem-nas com nutrientes e água.

O segredo do sucesso de um estudante, de um executivo, de um profissional liberal, de um esportista também está nas suas raízes. Muitos observam os resultados e ficam fascinados, mas não percebem que seus segredos são a coragem, a humildade, a simplicidade, a determinação, o desejo ardente de aprender enraizados nos solos de sua emoção e de seus pensamentos.

Se você não se preocupa em cultivar raízes internas, não espere encontrar águas profundas nos dias de aridez. As plantas que suportam a angústia do sol e os períodos de sequeidão não são as mais belas, mas as que têm raízes mais profundas. Elas atingem o lençol freático. Encontram as águas profundas.

Um dia, as dificuldades e os problemas aparecerão, mesmo para alguém que sempre teve uma rotina tranquila. Os amigos vão embora, a pessoa que mais amamos não nos suporta, os filhos não nos compreendem, o trabalho vira um tédio, o dinheiro fica escasso, os sintomas aparecem.

O que fazer? Entrar em desespero? Não! Aproveitar as oportunidades para lançar raízes. Jesus demonstrou que, para lançar raízes, é necessário remover as pedras, o cascalho do nosso ser. Como? Andando por areias nunca antes respiradas. Percorrendo os labirintos do nosso ser. Correndo riscos para conquistar aquilo que realmente tem valor. Aceitando com coragem as perdas que são irreparáveis. Reconhecendo falhas, pedindo desculpas, perdendo, tolerando, tirando a trave dos nossos olhos antes de querer remover o cisco do olho de alguém.

Os perdedores perturbam-se com o calor do sol, os vencedores usam suas lágrimas para irrigar o solo do seu ser. Não tenha medo das turbulências da vida, tenha medo de não ter raízes.

Certa vez, Jesus fez um discurso para testar seus ouvintes. Ele chocou-os dizendo que eles deviam comer da sua carne e beber do seu sangue. Ele, na realidade, queria dizer que suas palavras é que eram um verdadeiro alimento para nutrir os solos do espírito e da alma deles. As pessoas que ouviram a primeira parte do seu discurso ficaram perplexas. Como poderiam comê-lo? Escandalizados, vários discípulos o abandonaram. Então, ele fitou os jovens discípulos e desferiu uma pergunta inesperada. Deu-lhes liberdade para que eles o abandonassem. Um momento de silêncio reinou. Em seguida, Pedro tomou a dianteira e, em outras palavras, disse que ele e seus amigos não tinham para onde ir, pois Jesus tinha as palavras da vida eterna. Eles haviam acreditado e sonhado o sonho de Jesus.

Os jovens galileus passaram por muitos testes. Esse foi mais um deles. A cada teste lançavam raízes mais profundas. Os problemas e os sofrimentos eram ferramentas que os faziam garimpar ouro dentro de si mesmos.

O terceiro tipo: O solo com espinhos.

O terceiro tipo de solo representa uma terra melhor do que temos visto até o momento. O solo era adequado. Não era compactado, não havia pedras no seu interior. As sementes encontraram um excelente clima para crescer. Lançaram raízes profundas, conseguiram atingir águas submersas, suportaram o calor do sol e as intempéries. Elas cresceram com vigor e entusiasmo.

Os problemas exteriores não conseguiam destruí-las. Junto com as pequenas plantas geradas pelas belas sementes cresceram, sutilmente, os espinhos. No início, os espinhos aparentavam ser gramíneas frágeis e inocentes. Havia espaço para todas as plantas, poderiam conviver juntas. Entretanto, os meses se passaram e as plantas e os espinhos cresceram. Então, algo imprevisível aconteceu. O espaço que era tão grande começou a ficar pequeno. Iniciou-se uma competição.

Os espinhos começaram a competir com as plantas pelos nutrientes, oxigênio, água e raios solares. Como estavam mais adaptados, deram um salto. Cresceram rapidamente e começaram a sufocar as plantas. Elas clamavam pelos nutrientes e pelos raios solares para fazer a fotossíntese, mas os espinhos controlavam seu desejo de viver. Assim, apesar de ter raízes profundas e de conquistar um bom porte, as plantas não frutificaram, não sobreviveram.

Que grupo de pessoas ou que estágio da personalidade esse tipo de solo representa? Representa as pessoas mais profundas e sensatas, que permitiram o crescimento das sementes do perdão, do amor, da sabedoria, da solidariedade e de todas as demais sementes do plano transcendental do mestre dos mestres.

Elas suportaram as incompreensões, as pressões, as dificuldades externas. Viram Jesus sofrer oposição e perseguição, mas não desanimaram. Ficaram amedrontadas quando ele, por diversas vezes, quase foi apedrejado, mas não o abandonaram. Nenhuma crítica, rejeição, doença, decepção ou frustração parecia roubar-lhes o desejo de segui-lo.

Dia a dia tornaram-se fortes para vencer os problemas do mundo. Os anos se passaram e elas pareciam imbatíveis. Entretanto, não estavam preparadas para superar os problemas do seu próprio mundo, que cresciam sutilmente no âmago do seu ser. Jesus disse, nessa parábola, que os espinhos representam as preocupações existenciais, os cuidados do mundo, as ambições, a fascinação pelas riquezas.

Quem não tem preocupações? Frequentemente, somente as pessoas irresponsáveis estão livres de preocupações. Quem não antecipa situações do futuro e vive no passado? Quem não se perturba com as incertezas do futuro? Quem não tem ambição? Mesmo o mais humilde dos homens tem ambição, ainda que ela seja para conservar sua timidez e não expressar suas ideias. Quem não é seduzido pelas riquezas? Há inúmeros tipos de riquezas que fascinam o ser humano: possuir dinheiro, ser admirado, ser reconhecido, ser maior do que os outros.

Os grandes problemas, como doenças ou risco de morrer, não destruíam os discípulos. Agora teriam de passar no teste dos pequenos problemas que cresciam no solo da sua alma e competiam com as plantas oriundas das sementes do mestre dos mestres. A arrogância competia com o perdão, a intolerância competia com a compreensão, a necessidade de poder competia com o desprendimento, a raiva e o ódio competiam com o amor.

Um dos maiores problemas que sufoca as plantas não é o fracasso, mas o sucesso. O sucesso profissional, intelectual, financeiro e até o espiritual, se não forem bem administrados, paralisam a inteligência, obstruem a criatividade, destroem a simplicidade.

O sucesso o tem paralisado ou libertado?

Muitos líderes espirituais dão uma atenção especial para cada um dos seus ouvintes, se preocupam com a dor que eles sentem, quando o número deles é pequeno. Todavia, após conquistarem milhares de ouvintes, perdem o encanto por eles, pois se tornam apenas números. Jesus disse que ele era o bom pastor. A fama jamais o fez perder o contato íntimo com as pessoas. Ele conhecia cada ovelha pelo seu nome, se preocupava com cada uma das suas necessidades.

Muitos cientistas, no começo da carreira, são ousados, criativos e aventureiros. Mas, à medida que sobem na hierarquia acadêmica, sufocam sua capacidade de pensar, se tornam estéreis de ideias. Muitos executivos, quando estão no auge da carreira, sufocam sua coragem, perspicácia e sensibilidade. Têm medo de correr riscos, não exploram o desconhecido. Perdem a capacidade de enxergar os pequenos problemas que causarão grandes transtornos no futuro.

As sementes dos espinhos estavam presentes desde a mais tenra formação da personalidade dos discípulos, portanto, estavam ecologicamente adaptadas. Algumas preocupações são legítimas, como a educação dos filhos, ter segurança, uma boa aposentadoria, um bom plano de saúde. O problema ocorre quando essas preocupações nos controlam, roubam nossa tranquilidade e capacidade de decidir. Muitas pessoas são diariamente assaltadas por pensamentos perturbadores. Elas são maravilhosas para os outros, mas são escravas dos seus pensamentos. Não sabem cuidar da sua qualidade de vida.

Eu moro no interior de uma mata. Um lugar belíssimo. Não é fácil plantar uma flor neste lugar, pois ela não está adaptada ecologicamente. As formigas a atacam com grande voracidade e os espinhos e outras plantas crescem rapidamente competindo com ela. É preciso cultivar diariamente, arrancar as ervas daninhas, afofar a terra, irrigar e suprir com nutrientes.

Do mesmo modo, precisamos cuidar do ecossistema da nossa psique. Diariamente, temos de remover o lixo que se acumula nos terrenos da nossa emoção. Temos de reciclar os pensamentos negativos e perturbadores que sutilmente são produzidos.

Judas foi assaltado pouco a pouco por pensamentos perturbadores e não os superou. Nos primeiros anos, ele jamais pensara que trairia Cristo. Judas queria que ele virasse a mesa dos fariseus, mas Jesus era paciente com seus inimigos. Judas queria que ele tomasse o trono político de Israel, mas ele queria o trono do coração humano. Ele admirava Jesus, mas não o entendia, não o amava. Estudaremos esse assunto quando abordar o desenvolvimento da personalidade dos discípulos. Os espinhos, no secreto da alma de Judas, cresceram. Como ele não os tratou, eles sufocaram os belos ensinamentos do mestre dos mestres. Perdemos simplicidade à medida que a vida ganha complexidade. O homem do mundo moderno é mais infeliz do que o do passado. A ciência aumentou, a tecnologia deu saltos, as necessidades expandiram-se e, assim, a vida perdeu sua singeleza e poesia.

Pais e filhos tornaram-se técnicos em falar de coisas que não dizem respeito a eles, mas não sabem falar de si mesmos. Não sabem chorar e sonhar juntos. Amigos ficam anos sem se visitar ou dar sequer um telefonema um para o outro. Não temos tempo para as coisas importantes, pois estamos entulhados dentro de nós mesmos. Se não temos problemas exteriores, nós os criamos. Jamais devemos nos esquecer de que o registro das experiências psíquicas é automático, produzido pelo fenômeno RAM. Se não tratarmos as nossas angústias, preocupações com doenças, medo do futuro, reações ansiosas, eles vão se

depositando nos solos da memória tornando-os ácidos e áridos. As flores não suportam tal acidez, mas os espinhos a adoram.

Quem não tem esse cuidado vai se entristecendo e adoecendo lentamente, ao longo da vida, mesmo que tenha tido uma infância saudável. Chega ao ponto da vida ficar tão amarga que a pessoa não entende por que é infeliz, impaciente, tensa ou por que possui doenças psicossomáticas. Não há problemas exteriores, não atravessa crises familiares, financeiras e sociais. Tem todos os motivos do mundo para viver sorrindo, mas está angustiada. Por quê? Porque não cuidou das ervas daninhas do seu interior. A parábola do semeador contada por Jesus é altamente psicoterapêutica. Devemos estar alerta.

Que tipo de solo você é? Você tem cuidado das principais plantas da sua vida? Você tem plantado flores nos solos de sua memória ou os tem entulhado de lixo e preocupações sociais?

O último tipo de solo: a boa terra

Chegamos à boa terra, o solo que o mestre da vida queria para plantar e cultivar as mais importantes funções da personalidade. Jesus ansiava por mudar o ecossistema da humanidade, mas ele precisava do coração humano para realizar essa tarefa. O coração psicológico que representa a boa terra foi o que removeu as pedras, suportou as dificuldades da vida, lançou raízes profundas nos tempos de aridez, debelou os problemas íntimos e, assim, criou um clima favorável para frutificar com abundância.

Quem representa a boa terra? O próprio Jesus disse que são os que compreenderam a sua palavra, refletiram sobre ela, permitiram que ela habitasse no seu ser. Comportaram-se como sedentos ansiosos pela água, como o ofegante ávido pelo ar, como crianças famintas pelo leite. Não eram movidos apenas pelo entusiasmo das boas novas, mas pela disposição desesperada de aprender.

Devo ressaltar que esse grupo privilegiado de pessoas não era o mais inteligente, culto, puro e ético. Muitos membros desse grupo eram complicados, tinham enormes defeitos, fracassaram inúmeras vezes, mas superaram seus conflitos, deram valor ao que realmente importava, abriram seu coração ao vendedor de sonhos e aplicaram a sua palavra dentro de si mesmos.

Alguns deles foram longe nos seus erros. Caíram no ridículo e ficaram decepcionados consigo mesmos, como Pedro. Entretanto, tiveram coragem de perceber suas limitações e de se esvaziar para aprender as mais profundas lições nas mais incompreensíveis falhas. Não tiveram medo de chorar e começar tudo de novo.

Os jovens galileus entenderam, ao longo dos meses, que não bastava admirar Jesus. Não bastava aplaudi-lo e considerá-lo filho do Deus Altíssimo. Entenderam que segui-lo e amá-lo exigia um preço. O maior de todos os preços era reconhecer as próprias misérias. Era enfrentar o egoísmo, o individualismo, o orgulho que contaminava diariamente o território de sua emoção. Era aprender a amar incondicionalmente, a dar a outra face e a não desistir de si e de ninguém, por mais que falhassem.

Para o mestre dos mestres os solos não eram estáticos. Um tipo de solo poderia se transformar em outro. Jesus usava várias ferramentas para poder corrigir os solos dos seus discípulos. Ao andar com eles, ele os colocava em situações difíceis, fazia-os entrar em

contato com seu medo, ambição, conflitos. Ele os treinava constantemente a "arar" a alma, a esfacular os torrões, a corrigir a acidez e a repor nutrientes. O resultado ninguém conseguia prever. Era uma tarefa quase impossível. Jesus tinha tudo para falhar.

Passado mais de um ano, os discípulos apresentavam reações agressivas e egoístas. No segundo ano, ainda perpetuavam as competições, uns queriam ser maiores do que os outros. No terceiro ano, o individualismo ainda tinha fortes raízes. No final da sua jornada, logo antes da sua crucificação, o medo ainda encarcerava os discípulos. Jesus parecia derrotado. Mas ele persistia como se fosse um artesão da inteligência humana. Ele confiou completamente nas suas sementes!

Ele não era apenas um vendedor de sonhos, mas também um vendedor de esperança. As pessoas podiam cuspir no seu rosto, esbofeteá-lo, negá-lo e até traí-lo, mas ele não desistia delas. Ele acreditava no genoma das suas sementes e nos solos que cultivara. Será fascinante descobrirmos o que aconteceu.

Para o Mestre da Vida, nenhum solo era inútil ou imprestável. Uma prostituta poderia ser lapidada e ter mais destaque do que um fariseu. Um coletor de impostos corrupto e dissimulado poderia ser transformado a tal ponto que superaria no seu reino um líder espiritual puritano e moralista. Um psicopata inumano e violento poderia reciclar a sua vida a tal ponto que seria capaz de recitar poesias de amor, ter sentimentos altruístas e correr riscos para ajudar os outros.

Raramente alguém acreditou tanto no ser humano. Nunca alguém entendeu tanto das vielas da nossa emoção e desejou transformar o teatro da nossa mente num espetáculo de sabedoria